

Verdadeiras glórias nacionais: a memória acerca das primeiras gerações de professores do Colégio de Pedro II através das páginas da *Revista da Semana*

Luciana Borges Patroclo*

Ivone Goulart Lopes**

Regina Lucia Ferreira Cravo***

Resumo:

Este artigo aborda os discursos memorialistas acerca dos professores que atuaram no Colégio de Pedro II durante o século XIX. O colégio foi criado em 1837 como parte do projeto do império de constituir uma nacionalidade, em meio à ocorrência da revoltas nas províncias brasileiras. Como corpus documental deste texto foi selecionada a *Revista da Semana*. A escolha dessa fonte histórica está relacionada ao fato de alguns de seus principais colaboradores terem sido alunos e professores dessa instituição de ensino. Durante as análises foi possível identificar a existência de uma memória monumentalizada sobre esse grupo de docentes, caracterizados como notáveis homens de saber.

Palavra-chave:

Professores; Colégio Pedro II; Memória; Imprensa.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

** Doutora em educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio).

*** Doutoranda em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - Rio).

True National Glories: the memory of first generations of teachers at Colégio de Pedro II within the pages of *Revista da Semana*

Luciana Borges Patroclo
Ivone Goulart Lopes
Regina Lucia Ferreira Cravo

Abstract:

This article deals with speeches of memory about the teachers who worked at Colégio de Pedro II in the Nineteenth Century. The school was created in 1837 as part of the Empire's project to establish a nationality, amid of Brazilian provincial insurrections. The documental corpus used for this text was the *Revista da Semana*. The choice of use this historical source is related to the fact that some of their main collaborators were students and teachers of that educational institution. Through the analysis it was possible to identify the existence of a monumental memory about of this teaching staff, formed by men with notable knowledge.

Keywords:

Teachers; Colégio de Pedro II; Memory; Press.

Verdaderas glorias nacionales: la memoria acerca de las primeras generaciones de profesores del Colegio de Pedro II a través de las páginas de la *Revista da Semana*

Luciana Borges Patroclo
Ivone Goulart Lopes
Regina Lucia Ferreira Cravo

Resumen:

Este artículo enfoca los discursos memorialistas acerca de los profesores que actuaron en el Colegio de Pedro II durante el siglo XIX. El colegio fue creado en 1837 como parte del proyecto del imperio de constitución de una nacionalidad, en un momento de revueltas en las provincias brasileñas. Como *corpus* documental de este texto se seleccionó la *Revista da Semana*. La elección de esta fuente histórica está relacionada al hecho de que algunos de sus principales colaboradores hayan sido alumnos y profesores de esta institución educacional. Durante el análisis fue posible identificar la existencia de una memoria monumentalizada sobre este grupo de docentes, caracterizados como sobresalientes hombres de saber.

Palabras clave:

Profesores; Colegio Pedro II; Memoria; Prensa.

Introdução

No discurso de abertura do Colégio de Pedro II, hoje Colégio Pedro II, em 25 de março de 1838, o ministro da Justiça e interino do império, Bernardo Pereira de Vasconcelos, abordou a importância de o Brasil possuir, a partir daquele momento, uma instituição de ensino capaz de prover à ‘mocidade brasileira’ uma formação intelectual comparável à dos melhores colégios europeus. Vasconcelos fez questão de ressaltar o fato de o governo ter escolhido um renomado corpo docente para o cumprimento dessa missão:

Penetrado destas verdades, e depositando em v.exc. a máxima confiança, o regente interino se congratula com os pais de família, pelos bons estudos, que dirigidos por v.exc., mediante luzes de tão distintos professores, vão abrir a seus filhos uma carreira de glória, e fazê-los entrar no santuário do verdadeiro saber. O saber é a força, e é v.exc. que vai ser o moderador desta força irresistível, desta condição vital da sociedade moderna (VASCONCELOS, 1999, p. 246).

O discurso caracterizava os professores do Colégio de Pedro II como indivíduos dotados de vasto saber e afirmava que, no convívio com esses ‘iluminados’, os alunos teriam acesso à ‘chama’ do conhecimento, destacando o papel preponderante que o professorado teria no processo de formação dos futuros membros dos quadros políticos e administrativos do império como também na aquisição e na consolidação do prestígio da primeira instituição pública de ensino secundário do Brasil. Normalmente selecionados entre os membros da comunidade letrada do império, os primeiros grupos de professores do colégio frequentavam os principais círculos intelectuais e culturais da corte.

Quase 100 anos após a inauguração do Colégio de Pedro II, foi publicado na *Revista da Semana*, de 29 de julho de 1933, o artigo *Bertholdo Goldschmidt*. Escrito por Escragnolle Dória¹, o texto delineava

¹ Luís Gastão d’Escragnolle Dória (1869-1948) foi aluno e também professor de história universal do Colégio Pedro II. Desempenhou o cargo de diretor do Arquivo Nacional e também foi colaborador de impressos como a *Revista da Semana*. Em 1937, publicou o livro *Memória Histórica do Colégio de Pedro II*.

o perfil de Bertholdo Goldschmidt², um dos professores que ocuparam a cadeira de alemão do colégio no século XIX. Também fazia uma ode à importância do professorado do imperial estabelecimento, salientando o valor dos mesmos para o progresso do país: “Deram-lhes professores reputados, desejando que os jovens fossem instruídos por instruídos [...]” e “[...] professores dos mais illustres, alguns verdadeiras glórias nacionais” (DÓRIA, 1933, p. 18). Esses trechos demonstram o respeito e a deferência para com os responsáveis pelas cadeiras de ensino do colégio.

Embora separados por quase um século, o discurso do ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos e o artigo de Escragnolle Dória mantêm uma visão monumental³ acerca dos docentes que compuseram os primeiros grupos de professores do Colégio de Pedro II. Partindo desse contexto, o presente artigo procura analisar as características que compõem a memória e, por consequência, as representações em circulação sobre o quadro docente no Colégio de Pedro II, com destaque para o século XIX.

A opção por privilegiar esse recorte temporal está relacionada ao fato de esses professores terem pertencido a um grupo que ajudou a construir o imaginário de excelência que a instituição possui até a atualidade. Eles vivenciaram um mesmo contexto político, econômico, cultural de convivência com o imperador D. Pedro II. Além de terem atuado no ensino secundário, sem terem frequentado instâncias de formação específicas para o exercício do magistério. Nesse cenário, a temática da memória se articula com a abordagem de Chartier (2004) para o conceito de representação, que nos permite compreender as relações entre os grupos sociais, o modo como se forma e constrói sua identidade social, estabelecendo, no caso dos professores do Colégio de Pedro II, a necessidade de identificar os elementos que os marcaram como um corpo docente a ser alvo de constantes leituras memorialísticas.

Era comum que impressos do século XIX e da primeira metade do século XX se dedicassem a publicar informações sobre acontecimentos

² Bertholdo Goldschmidt (1817-1893) era germânico e foi nomeado professor da cadeira de alemão em 1858, após nomeação do imperador D. Pedro II. Foi o responsável pela criação da Caixa Beneficente dos Docentes do Colégio Pedro II. Também se destacou no jornalismo, na literatura e no teatro.

³ A existência de uma memória monumental sobre os professores do Colégio de Pedro II parte da perspectiva de Jacques Le Goff na qual a memória é uma construção e está relacionada ao ‘fazer recordar’ e à perpetuação de uma determinada perspectiva de passado. Como também está vinculada a determinadas relações sociais e de poder (LE GOFF, 2003).

oficiais e ações cotidianas do Colégio de Pedro II. É o caso da *Revista da Semana*⁴. Em suas páginas era registrado o dia a dia da instituição: desde as cerimônias de formatura, as festividades cívicas, a eleição da aluna mais bonita ou um almoço dos professores com uma autoridade governamental. Também eram dedicados amplos espaços a homenagear e a preservar o passado do Colégio de Pedro II.

Importa ressaltar que as edições analisadas neste artigo abrangem os anos de 1928 a 1941, período no qual podem ser identificadas amplas contribuições de colaboradores ligados à referida instituição de ensino⁵. Ressaltamos que, durante esse período, comemora-se o centenário de criação do Colégio Pedro II.

O Colégio de Pedro II: o mais querido pelo imperador

O artigo *Ultimo Concurso*, de Escragnolle Dória, de 10 de agosto de 1940, afirma em vários trechos que o Colégio de Pedro II, mesmo com o passar do século, continuava a ser identificado como uma das joias da coroa do império. “Sem desmerecimento de nenhum estabelecimento de ensino, a predileção de D. Pedro II pelo collegio de seu nome foi evidente” (DÓRIA, 1940, p. 20). É preciso notar que esse discurso sobre o colégio não foi algo construído aleatoriamente.

Em dois de dezembro de 1837 foi assinado o decreto de criação do colégio. O documento trazia em seu ‘artigo 1º’ a definição de que a instituição seria nomeada ‘Colégio de Pedro II’⁶ (BRASIL, 1837). O

⁴ Fundada em 1901, por Álvaro Tefé, a publicação era inicialmente um caderno complementar ao *Jornal do Brasil*. Seus textos eram voltados à cobertura de acontecimentos sociais, políticos e policiais. A partir de 1915, após ser comprada por Carlos Malheiros Dias, Aureliano Machado e Artur Brandão, a *Revista da Semana* começou a ser vendida separadamente. Os temas de suas reportagens e seções passaram a retratar assuntos considerados mais amenos, como as festividades nas capitais brasileiras (SODRÉ, 1999).

⁵ O exemplares digitalizados da *Revista da Semana* fazem parte do acervo da Hemeroteca Digital Brasileira pertencente a Fundação da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/revista-da-semana/025909>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

⁶ A criação do Colégio de Pedro II no Rio de Janeiro não foi algo aleatório. No decorrer do século XIX já existiam no Brasil diferentes modelos educacionais como o liceu, o colégio, a escola, as casas de instrução e as casas de educação. O colégio de caráter secundário surgiu como um lugar de instrução vinculado às universidades europeias. No Brasil essa denominação não era desconhecida, pois esta modalidade de ensino já se fazia presente desde o período colonial através da

acréscimo do ‘de’ procurava remeter ao imaginário de que aquele estabelecimento de ensino estava diretamente sob a proteção do futuro ocupante do trono real⁷, demonstrando, simbolicamente, a existência de uma diferenciação entre o Colégio de Pedro II e as outras instituições escolares. Essa relação entre o monarca e o colégio foi ressaltada no já referido artigo de *Berthold Goldschmidt*:

Tinha D. Pedro II doze anos de idade quando a Regencia Olinda resolveu fundar collegio modelo de instrucção secundaria. Deu-lhe patrono, o joven soberano, ligando data natalícia d’este, a 2 de Dezembro de 1837, á fundação do instituto. O mundo moral conhece pedras angulares em suas creações. A do Collegio de Pedro II foi a do natal do filho orphão de Pedro I. Inutil separ o berço de um da juvenilidade do outro (DÓRIA, 1933, p.18).

O projeto de criação do Colégio de Pedro II estava inserido no contexto da promulgação do Ato Adicional de 1834 que concedia a cada assembleia provincial a responsabilidade de promover a instrução de sua população. O governo imperial permaneceu responsável pelas instituições educacionais do Rio de Janeiro, então sede da corte, e pelo ensino superior. No entanto, a administração central compreendeu que, embora as províncias tivessem liberdade de atuação, era preciso implantar uma instituição de ensino secundário de referência para o restante do Brasil (BRASIL, 1834). Andrade (2007) aponta que o mesmo foi concebido para ser uma instituição que tivesse um caráter nacional e modelar, passando a ser identificada como uma representação institucional e simbólica do governo imperial, assim como o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) e a Academia Imperial de Belas Artes⁸.

existência dos chamados Seminários-Colégios que preparavam os sacerdotes e letrados para os cursos superiores. Um dos exemplos foi o próprio Seminário de São Joaquim que deu origem ao Colégio de Pedro II (HAIDAR, 1972).

⁷ D. Pedro II foi coroado imperador em 1840, aos 14 anos, após o Golpe da Maioridade.

⁸ O Colégio de Pedro II foi inaugurado no período regencial, especificamente durante a Regência Una de Regente Feijó e posteriormente de Araujo Lima. Esta época foi marcada por diversas revoltas provinciais. Era comum que as províncias mais afastadas da Corte, não quisessem pagar pelas regalias vivenciadas no Rio de Janeiro. Com isso, uma das principais medidas era garantir a unidade do Estado brasileiro (DIAS, 2005).

O Colégio de Pedro II abriu suas portas em 25 de março de 1838. O dia escolhido fazia menção à data do juramento da Constituição de 1824 e à Anunciação de Nossa Senhora em Nazareth. É preciso salientar que o Brasil vivenciava o período das revoltas regenciais e a criação de instituições de caráter modelador era algo sintomático. Tinham o intuito de contribuir para a construção de uma possível unidade nacional. O colégio podia se constituir em uma instância de circulação de determinado ideário de nação.

O ensino secundário era destinado àqueles que pretendiam cursar universidade, no Brasil ou no exterior. Uma realidade voltada, em sua maioria, para os jovens pertencentes às camadas sociais mais abastadas. No Colégio de Pedro II havia a necessidade de seus alunos partilharem determinadas representações socioculturais, observando-se que seus alunos estavam destinados a ocuparem os mais altos cargos políticos e econômicos do país (VECHIA; LORENZ, 2006). Ao concluírem os estudos, eles recebiam o título de bacharel em letras, privilégio reservado apenas aos estudantes do Colégio de Pedro II, e assim podiam ter acesso direto aos cursos superiores. Como salienta Carvalho (2003, p. 74): “Os filhos de famílias com recursos, que podiam aspirar a uma educação superior, iniciavam a formação com tutores particulares, passavam depois por algum liceu, seminário ou, preferencialmente, pelo Pedro II”.

Para Gasparello (2004), o Colégio de Pedro II era mais do que um estabelecimento de ensino. A sua estrutura curricular livresca, seus professores e seus alunos representavam um projeto de sociedade brasileira civilizada e inspirada no estilo das capitais europeias. Por tal razão, a nomeação para o quadro de professores também estava inserida nesse critério. Na edição de 4 de março de 1922, Escragnonle Dória iniciou seu artigo *O Barão de Tautphoeus*, listando a gama de conhecimentos de Jacob José Hermann, o Barão de Tautphoeus⁹, cuja prática escolar foi marcada por ter lecionado diversas disciplinas no Colégio de Pedro II:

Travou a mais solida amizade juvenil com a cultura humana. Ciênciasnaturaes, línguas do Oriente, filosofia, mathematica entregaram-lhe segredos, também o direito e a medicina. Não se albardou com diplomas: o que é muito mais difícil transportou méritos (DÓRIA, 1922, p.28).

⁹ Jacob José Hermann, o Barão de Tautphoeus (1812 – 1890), nasceu em uma cidade perto de Munique. Foi professor das cadeiras de alemão, grego e história no Colégio de Pedro II.

Em *Os Estudos de Álvares de Azevedo*, de 11 de outubro de 1941, Dória narrou a trajetória do poeta Álvares de Azevedo¹⁰ nos tempos de estudante do Colégio de Pedro II. Aponta que a excelência da obra de Azevedo pode ter sido influenciada pelos professores que teve em sua trajetória no imperial estabelecimento de ensino. “Uma casa de ensino vale pelo prestígio de seus dirigentes e professores, uns representantes de ordem e disciplina, outros de saber” (DÓRIA, 1941, p.14). Ao longo do texto, foram exaltados os conhecimentos adquiridos na convivência com cada membro do corpo docente, por exemplo, nas aulas de grego e de retórica, ministradas por Joaquim Caetano¹¹, reitor e professor de grego, e por Gonçalves de Magalhães¹², professor de filosofia:

Joaquim Caetano, lídimo fóros de apaixonado helenista, regia a cadeira de Grego com gosto e proficiência, num verdadeiro mestre de ótimas qualidades. Nas paginas de Herodoto, o curioso do universo antigo, nas de Platão, o sereno idealista como toques de cristão, Joaquim Caetano trazia a Helade a brasileiros, o professor míope encostando aos olhos fadados á cegueira, edições dos clássicos gregos estereotipados em Leipzig.[...] Gonçalves de Magalhães ocupante da cátedra de Filosofia, o já consagrado autor de *Suspiros Poeticos e Saudades*, entretinha discípulos com as provas da existencia de Deus quando não com as de imortalidade da alma, mostrando-lhes também os vícios da doutrina do interesse, dos sentimentalismo e do racionalismo (DÓRIA, 1941, p.14).

Os trechos acima demonstram que fazer parte do quadro docente ou estudantil do Colégio de Pedro II significava ‘ver e ser visto’. As festividades do colégio ultrapassavam os portões da instituição e podiam ser acompanhadas pela população. O próprio D. Pedro II esteve presente nas bancas de exame dos alunos e nas cerimônias de formatura. Estudar naquele estabelecimento era ter acesso às práticas simbólicas que marcaram o regime monárquico brasileiro. “Essa rede de representações

¹⁰ Manoel Antonio Alvares de Nascimento(1831-1852) começou seus estudos no Colégio de Pedro II em 1845. Foi autor de livros como as obras póstumas, *A Lira dos Vinte Anos* (1853) e *Noite da Taverna* (1855).

¹¹ Joaquim Caetano da Silva (1810-1873) foi reitor e professor do Colégio de Pedro II das cadeiras de grego, retórica, gramática portuguesa.

¹² Domingos Gonçalves de Magalhães (1811-1882) foi professor de filosofia no Colégio de Pedro II.

alimentava no imaginário social a ligação do Colégio e suas tradições com o regime e a construção do projeto civilizatório e de construção de uma identidade nacional no Império” (GASPARELLO, 2004, p. 34).

Essa presença do imperador reforçava a percepção de que os alunos do colégio estavam diretamente sob a proteção do monarca. A *Revista da Semana*, de 28 de Novembro de 1925, dedicada ao centenário de nascimento de D. Pedro II, trazia o artigo *O Imperador!*, de Carlos Laet¹³. O autor salientava o fascínio de sua figura aos alunos, professores e funcionários da instituição:

Ninguém nos tempos que correm, pode imaginar, de longe sequer, o mágico efeito que, durante largos annos, produziam no povo brasileiro estas palavras, muito embora frequentemente repetidas: - Ahi vem o Imperador! [...] Entre as minhas recordações de meninice estão as repetidas aparições do Imperador no Collegio Pedro II. Todos nos alvoraçavamos e, entre desejosos e timoratos, aguardávamos pela que nossa aula entrasse aquelle vulto que, com sua elevada estatura, formosa barba semi-alvejante e gesto de autoridade soberana, nos incutia indefinível sentimento de attracção e respeito. Invariavelmente determinava o augusto visitante fossem chamados o melhor e o peor estudante da turma. Felicitava o primeiro, quando este de ordinário se sahia bem; e ao outro incumbia-se elle proprio de interrogar, insinuando-lhe as respostas e fazendo-lhe acreditar que o pobre vadio sabia alguma cousa. Em suas relações com os mestres dos Collegios, que eram então meu professores, notava eu o caprichoso apuro com que o Imperador falava em francez com o sr. Halbout, em inglez com o dr. Motta, em italiano com dr. De Simoni, em allemão com os drs. Schiefler, Goldschmidt e Tautphoeus (LAET, 1925, p.17).

O relato conforma a representação do Colégio Pedro II como um espaço educacional diferenciado, pois o imperador zelava pessoalmente pela formação intelectual daquele grupo seletivo de alunos. No texto *A Pátria e o Livro*, publicado na mesma edição de 1925, o Barão Ramiz Galvão¹⁴ narrou o fato de D. Pedro II ter identificado no aluno Pedro

¹³ Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (1847-1927) foi aluno e professor do Colégio de Pedro II, no qual ministrou disciplinas como português e geografia.

¹⁴ Barão Ramiz Galvão (1846-1938) foi professor do Colégio de Pedro II de diversas disciplinas como grego e retórica.

Américo, posteriormente um dos principais pintores do império, um talento extraordinário para o desenho e o ter aconselhado a ingressar na Imperial Escola de Belas Artes.

Tendo recebido d. Pedro educação esmerada sob a direcção de illustres preceptores, o gosto que nelle nasceu pelo cultivo das letras e das sciencias não fez sinão crescer no decurso dos annos. Conheci-o já homem feito, assistindo com grande assiduidade e interesse a aulas e exames no Collegio de Pedro II, que era um dos seus institutos favoritos. Em 1885 eu era alumno do 1º anno do curso desse estabelecimento e tinha a meu soberano, o qual, mandando chamar o jovem desenhista, perguntou-lhe si queria cursar a Academia de Bellas Artes. Dito e feito. Pedro Americo, á custa do bolsinho do Imperador, tomou o rumo da Arte em que tanto logrou distinguir-se. Este episodio é pouco conhecido (GALVÃO, 1925, p. 31).

Na *Revista da Semana*, o processo de criação do Colégio Pedro II é descrito como uma missão pessoal do ministro Bernardo de Vasconcelos a partir do seu desejo de conceder, à mocidade brasileira, a oportunidade de cursar o ensino secundário em um estabelecimento educacional de caráter modelar. São feitas referências ao realizado pelo arquiteto francês, Grandjean de Montigny, cuja missão foi transformar as instalações do colégio em um lugar condizente com os planos de construção de uma identidade nacional brasileira. Nos artigos analisados não foram feitas referências às dificuldades financeiras e estruturais pelas quais o colégio passou nas suas primeiras décadas de funcionamento, mas que se faziam presentes nas páginas de diversos jornais e nos relatórios da instrução pública do período¹⁵. No impresso *Diário do Rio de Janeiro* eram publicados anúncios de espetáculos teatrais, realizados em benefício do Colégio de Pedro II, e o fato de algumas loterias dos teatros serem destinadas a ajudar no sustento da instituição, por exemplo, na edição de 4 de novembro de 1842:

¹⁵ O trabalho do arquiteto Grandjean de Montigny no Colégio de Pedro II foi alvo de polêmicas, em razão de o Ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos ter se recusado a pagar pelo serviço realizado. Os impressos *O Chronista* e *A Aurora Fluminense* dedicaram algumas de suas edições a debater tal questão (PATROCLO, 2014).

Theatros

De S. Janeiro

Sexta feira 4 de novembro, em benefício do collegio de Pedro Segundo, (a que se diga assistir S. M. o Imperador.) Depois que os professores da orquestra executarem uma escolhida ouvertura, representar-se-lha a comédia em 5 actos: ELLA HUMILHA PARA VENCER, ou Antonico Lupekim. No fim da comedia, o Sr. Felipe Caton e sua mulher dançarão uns boleiros. Terminará o espetáculo com a comédia em 1 acto: OS CREADOS FEITOS EMBAIXADORES. Principiará às 8 horas (ANNUNCIOS, 1842, p.3).

Os relatórios ministeriais de instrução pública do império faziam referências a essas doações. Mendonça et al. (2013) apontam que a preocupação com a situação econômica da instituição esteve sempre presente nos relatórios, como em 1845, no qual foi relatado um pedido de perdão de dívidas para a Fazenda Pública¹⁶. Também eram sublinhados a situação de ruína do prédio escolar e os salários atrasados de funcionários. Mesmo com tais dificuldades, o Colégio de Pedro II conseguiu se tornar sinônimo de excelência no campo educacional brasileiro. Um dos aspectos ressaltados é que a credibilidade alcançada nos primeiros anos de funcionamento do colégio estava vinculada ao prestígio dos professores nomeados pelo governo imperial.

O professorado do Colégio de Pedro II: a realeza do ensino

‘O destino estabeleceu uma espécie de dynastia docente remontando a origens alienígenas’. A frase escrita por Escragnoille Dória no artigo *Bertholdo Goldschmidt*, de 29 de julho de 1933, identificava os professores que atuaram na disciplina de alemão do Colégio de Pedro II, ao longo do século XIX, como deuses do Olimpo do conhecimento ou membros de uma linhagem aristocrata. Essa citação fazia referência à perspectiva de que, independentemente da cadeira lecionada, seu professorado era considerado referência máxima.

A memória de que o Colégio de Pedro II era um celeiro de professores notáveis, capazes de formar a nata da sociedade brasileira,

¹⁶ Fazenda Pública era o nome que se dava aos recursos financeiros do Governo Central, hoje Governo Federal.

também pode ser constatada na página denominada *Vultos eminentes do Colégio de Pedro II*, publicada na *Revista da Semana* de 8 de dezembro de 1937, poucos dias após o colégio ter completado 100 anos de criação. As legendas das fotos de docentes e alunos, considerados figuras de destaque na trajetória histórica da instituição no século XIX e início do século XX, tinham como características em comum os fartos elogios. Neste texto foram relacionadas apenas aquelas que faziam referências ao professorado.

Tabela 1 – Vultos eminentes do Colégio de Pedro II

Manuel de Araujo Porto Alegre	E' o Barão de Santo Angelo. Foi professor de Desenho. Foi lente da Academia de Bellas Artes, e' o grande poeta de 'Colombo'.
Barão Homem de Mello	Foi professor de Historia Geral no Collegio no Collegio. Cartographo illustre e político: ministro do Império.
Aureliano Pimentel	Foi reitor do Externato, eminente philologo leccionou português e litteratura.
Alfredo Moreira Pinto	Bacharel da turma de 1865. Foi professor de Geographia e Historia. Autor do vasto <i>Dicionario Geographico do Brasil</i> .
Capistrano de Abreu	E' o grande historiador; foi professor Chorographia e Historia do Brasil.
Frei Camillo de Monserrate	Foi professor illustre de Historia e Geographia e Director da Bibliotheca Nacional. Egyptologo.
Arthur Higgins	Foi professor de gymnastica; inventor nacional com numerosas patentes.
Floriano de Brito	Foi professor de Francês afamado; foi também político, deputado federal.
Raymundo de Farias Brito	Foi professor de Logica, concorrente de Euclides da Cunha. Talvez, a maior organização philosophica do Brasil.
Silva Ramos	Foi professor emerito de Português. Poeta, pholologo, primoroso estylista. Membro da Academica Brasileira.
Gonçalves Dias	E' o nosso maior poeta. Foi professor de latim no Collégio Pedro II.

Dr. Carlos Oscar de Lessa	Bacharel da turma de 1887. Medico distincto. Professor da Escola Normal e preparador do Collegio.
Alonso Garcia Adjuto	Foi professor de grego no Collegio. Erudito e sabio.
Coelho Netto	Grande estylista; leccionou litteratura do Externato.

Fonte: VULTOS EMINENTES... (1937, p. 33).

Esses artigos e seções publicados na *Revista da Semana* remetem à perspectiva de Chartier (2004) de que as representações podem se constituir como elemento para inserção, circulação e consolidação de determinado status simbólico no meio social. Nas páginas desse impresso havia a necessidade de se afirmar e de se reafirmar a condição de excepcionalidade daqueles que pertenciam às primeiras gerações de docentes do Colégio de Pedro II, uma forma de manter “[...] a coerência de uma comunidade [...]” (CHARTIER, 2004, p. 2), nesse caso, a identidade dos docentes do Colégio de Pedro II.

No decorrer do século XIX, o acesso ao quadro docente do Colégio de Pedro II se deu por duas vias principais: a nomeação imperial ou o concurso. De 1837 a 1854, a lei permitia que os professores que compunham o quadro docente do colégio fossem nomeados diretamente pelo governo imperial. A opção por essa forma de contratação de docentes e não pelo concurso, como já acontecia na instrução pública brasileira desde as Reformas Pombalinas (1759 e 1772), pode estar relacionada à atuação docente indicada no ‘artigo 13º (inciso primeiro)’ do regulamento inaugural da instituição: “Não só ensinar a seus Alumnos as Letras, e as Sciencias, na parte que lhes competir, como tambem, quando se offerecer occasião, lembrar-lhes seus deveres para com Deus, para com seus Pais, Patria, e Governo” (BRASIL, 1838, p. 1). Em razão da vinculação entre a construção de um ideário nacional e o colégio, havia uma especial preocupação com quem ocuparia as cadeiras.

Em 1854, a Reforma Couto Ferraz estabeleceu novos parâmetros de regulamentação para a carreira do magistério. Os candidatos a professores do Colégio de Pedro II, assim como já ocorria com os postulantes a cargos de instrução primária, passaram a ser selecionados pela via do concurso. É preciso ressaltar que, além do exame oral e escrito, era preciso provar ser

um cidadão brasileiro sem ficha criminal e ter capacidade profissional comprovada. Entre os benefícios para os aprovados, previstos no artigo 27º, estava à possibilidade de, após dez anos de serviços prestados, o professor público ter o direito de matricular seus filhos no Colégio de Pedro II (BRASIL, 1854). Mesmo com a mudança no regulamento interno do colégio, ocorrida em 1855, para a adaptação às mudanças estabelecidas, o primeiro concurso público para professor do Colégio de Pedro II aconteceu apenas em 1857. É preciso ressaltar que, apesar das alterações introduzidas no processo de seleção de professores, a busca por indivíduos de ilibada formação intelectual se manteve.

Sobre os intelectuais, Sirinelli (1996, p. 248) aponta que eles se caracterizam como pequenos grupos que têm a sua sociabilidade marcada por ligações ideológicas ou culturais: “[...] organizam-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”. As pesquisas sobre os dados biográficos dos professores que aturam no Colégio de Pedro II, no século XIX, têm possibilitado identificar, para além do ambiente escolar, instâncias de sociabilidades que podiam conferir uma espécie de identidade a esse grupo de docentes.

Em um primeiro momento, aventou-se a possibilidade de esses docentes partilharem relações sociais e pessoais com o imperador e/ou com importantes membros do governo. No artigo *De Simoni*, de 8 de junho de 1929, Escagnolle Dória revelava, por exemplo, que o professor Luiz Vicente De Simoni¹⁷ foi preceptor das princesas Isabel e Leopoldina, além de ter sido professor das cadeiras de italiano e latim do Colégio Pedro II. É preciso observar que a princesa Isabel, como herdeira do Império Brasileiro, tivera uma formação aprofundada, situação que chancelaria o lugar de intelectual de seu professor. E não só, mas “[...] por baixo do nome do Dr. Luiz Vicente De Simoni pode escrever-se, sem receio de erro ou sombra de duvida, simples e preciosa menção: Um grande homem de bem” (DÓRIA, 1929, p.20).

¹⁷ Luiz Vicente De Simoni (1792-1881), genovês de nascimento, formou-se em medicina. Chegou ao Brasil em 1817, começou a dar aulas no Colégio de Pedro II em 1855, na cadeira de italiano.

No artigo *Justiniano da Rocha*, de 25 de janeiro de 1941, Dória assinalava que a nomeação do político e jornalista, Justiniano da Rocha¹⁸, para a cátedra de história universal teve influencia direta do ministro Bernardo Pereira de Vasconcelos:

A cathedra confiada a Justiniano, por influencia de Bernardo de Vasconcellos, o organizador do Collegio, requeria da parte do occupante grande responsabilidade. Não é dado a todos mostrar com prudência e serenidade a jovens a fragilidade da substancia humana no todo da História Universal. Tanto o estudo calmo e equitativo da disciplina conduz ao hábito de pensar com justiça quanto o exame irreflectido e tendencioso da materia desnortheia, do branco fazendo preto e vice-versa (DÓRIA, 1941, p. 24).

Em ambos os casos, o fato de os professores terem relações pessoais, fosse com a família real, fosse com o alto escalão do governo, pode ter se constituído em uma das qualificações características daqueles que tinham a missão de formar os jovens das classes dirigentes do país.

Outra possibilidade: a indicação de novos professores também era feita por sugestão dos próprios professores do colégio ou por membros da elite da corte.

Nessa direção, nas análises iniciais, também foram identificados indícios da existência de laços de amizade, anteriores à vinculação ao colégio, entre os professores Joaquim Caetano da Silva, Domingos José da Silva Magalhães e Manuel de Araújo Porto Alegre, estes últimos amigos desde a infância. Em 1836, Araújo Porto Alegre fundou, com Domingos de Magalhães e Francisco Salles Torres Homem¹⁹, a revista *Niteroy*. No ano de 1849 foi a vez de Porto Alegre contar com a colaboração de Gonçalves Dias²⁰ e Joaquim Manuel de Macedo na criação do impresso *Guanabara*. No livro *Brasilianas*, publicado por Manuel de Araújo Porto

¹⁸ Justiniano José da Rocha (1812-1862) cursou a faculdade de direito e ministrou lições de história antiga/romana e geografia no Colégio de Pedro II. Também exerceu o magistério na Escola Militar. Foi político e teve atuação destacada no jornalismo com a fundação de impressos como *O Constitucional*.

¹⁹ Francisco Salles Torres Homem (1812-1876) foi nomeado professor de filosofia do Colégio de Pedro II em 1844.

²⁰ Manuel de Araújo Porto Alegre, Barão de Santo Ângelo (1806-1879), foi professor de desenho do Colégio de Pedro II. Considerado um dos pioneiros da caricatura brasileira, também ministrou aulas na Academia Imperial de Belas Artes.

Alegre²¹ em 1863, um dos capítulos é um longo poema dedicado a Magalhães. Também foram feitas alusões ao professor e reitor Joaquim Caetano da Silva e ao professor de música Januário da Silva Arvellos²².

As pesquisas também identificaram possíveis relações de tensão entre aqueles que constituíram o quadro docente do colégio no século XIX. Manuel de Araújo Porto Alegre, considerado um dos pioneiros da caricatura e da charge brasileira, publicou no *Jornal do Commercio* de 14 de dezembro de 1837 *A Campanha e o Cujo* em que criticava a nomeação de Justiniano José da Rocha para o cargo de diretor do Correio Oficial. Ambos fizeram parte do primeiro grupo de intelectuais nomeados pelo governo para o cargo de professor do Colégio de Pedro II (MAGNO, 2012).

A imprensa novamente se destaca como meio de conagração dos professores do colégio, pois vários eram fundadores ou colaboradores de diferentes impressos, situação que angariava notoriedade na sociedade. Em 1843, foi lançada a revista *Minerva Brasiliense*, na qual a maior parte dos seus redatores pertencia ou eram ex-docentes do Colégio de Pedro II:

Tabela 2 – Os professores do Colégio de Pedro II e a *Minerva Brasileira*

Barão de Planitz	Colaborador nas áreas de filosofia, história, teologia, literatura, linguística, arqueologia e belas artes.
Barão de Tautphoeus	Escrevia textos sobre filosofia, história, teologia, literatura e linguística.
Domingos Gonçalves Magalhães	Abordava assuntos nos campos da filosofia, história, teologia, literatura, linguística.
Emilio Joaquim da Silva Maia	Diretor financeiro. Refletia sobre filosofia, história, teologia, literatura e linguística.
Francisco Salles Torres Homem	Redator Chefe. Escrevia textos sobre filosofia, história, teologia, literatura e linguística.

²¹ Antonio Gonçalves Dias (1823-1864) foi poeta e autor de *Canção do Exílio*. Cursou a faculdade de direito em Coimbra e passou a integrar o quadro docente do Colégio de Pedro II em 1849 com a criação da cadeira de história do Brasil.

²² Januário da Silva Arvellos (1790-1844) foi professor de música do Colégio de Pedro II. Também atuou como compositor e regente.

Joaquim Caetano da Silva	Colaborador nas áreas de filosofia, história, teologia, literatura, linguística, arqueologia e belas artes.
Lino A. Rebello	Abordava assuntos nos campos da filosofia, história, teologia, literatura, linguística, arqueologia e belas artes.
Luiz Vicenti De Simoni	Refletia sobre filosofia, história, teologia, literatura e linguística.
Manuel de Araujo Porto Alegre	Colaborador nas áreas de filosofia, história, teologia, literatura, linguística, arqueologia e belas artes.
Santiago Nunes Ribeiro	Escrevia textos sobre filosofia, história, teologia, literatura, linguística, arqueologia e belas artes.

Fonte: MINERVA BRASILIENSE (1843, p. 33).

O fato de vários professores compartilharem a imprensa, como lugar de sociabilidade, encontra consonância na visão de Sirinelli (1996). Ele aponta que redações de revistas ou conselheiros editoriais se constituem em campo de debates e de estruturação de ideias em circulação. “A revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade” (SIRINELLI, 1996, p. 249). A partir das análises das trajetórias dos docentes do Colégio Pedro II, podemos identificar que certos grupos acabavam por atuar como colaboradores nos mesmos impressos.

É possível também observarmos que tais professores circulavam, por exemplo, nas mesmas associações literárias e pertenciam aos mesmos grupos de conhecidos, como a Sociedade Petalógica, criada por Paula Britto que era frequentada por professores e ex-professores do Colégio de Pedro II.

[...] entre 1839 e 1861, sob a liderança de Paula Brito, essa sociedade agregou figuras representativas das elites letradas do Oitocentos. Casimiro de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Machado de Assis, Manuel Antonio de Almeida, Araújo Porto-Alegre, o teatrólogo João Caetano e o maestro Manuel da Silva figuravam entre os seus membros. José da Silva Paranhos (futuro Visconde do Rio Branco), Eusébio de

Queirós e Francisco Otaviano, figuras destacadas na política fluminense, também foram freqüentadores assíduos de Paula Brito (VELLOSO, 2011, p. 73).

[...] Na Petalógica, foram constantes as parcerias entre os poetas eruditos e os músicos populares. Recorrendo a um tom amoroso, brejeiro e com forte acento na ironia, os letrados compunham modinhas e lundus, associando-se aos instrumentalistas anônimos, que traziam novos ritmos e sonoridades. Seriam contagiados por tais novidades escritores hoje reconhecidos, como Joaquim Manuel de Macedo, José Gonçalves de Magalhães e Manuel de Araújo Porto-Alegre (VELLOSO, 2011, p.76).

Outro aspecto identificado foi a manutenção da ligação com o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), por fazerem parte do seu quadro de sócios, professores do colégio, entre os quais, Lino Antonio Rebello²³, Joaquim Caetano da Silva, Francisco de Paula Menezes²⁴, Antônio Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo²⁵, Emilio Joaquim da Silva Maia²⁶, Santiago Nunes Ribeiro²⁷, Domingos Gonçalves de Magalhães. Fundado em 1838, o IHGB se caracterizou como a instância de elaboração e circulação dos parâmetros da identidade nacional brasileira, como também se constituiu em uma das vias de consolidação do romantismo no Brasil. Em 1836, Domingos de Magalhães publicou *Suspiros Poéticos e Saudades*, considerada um das obras inaugurais desse

²³ Lino Antonio Rebello (? – 1857) era formado em ciências naturais e matemáticas pela Universidade de Bolonha. Foi professor de matemática do Colégio de Pedro II.

²⁴ Francisco de Paula Menezes (1811-1857) estudou medicina, mas em 1844 foi nomeado pelo imperador professor público de retórica. No ano de 1845 começou a lecionar no Colégio de Pedro II.

²⁵ Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882), escritor, formou-se em medicina no Rio de Janeiro. Foi nomeado professor de história e geografia do Colégio de Pedro II. Destacou-se entre os escritores do romantismo brasileiro com o livro *A Moreninha* (1844) e *O Moço Loiro* (1845).

²⁶ Emilio Joaquim da Silva Maia (1808-1859) se formou em medicina e filosofia. No Colégio de Pedro II ministrou aulas de ciências físicas e história natural. Também foi um dos sócios fundadores do Instituto Brasileiro Histórico Geográfico e diretor da Seção de Botânica, Agricultura e de Arte Mecânicas do Museu Nacional.

²⁷ Santiago Nunes Ribeiro (? – 1847) era chileno e ocupou o cargo de segundo secretário do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. No Colégio de Pedro II foi responsável pelas lições de retórica e poética.

movimento no país. A temática da natureza e a exaltação dos mitos fundacionais eram imprescindíveis para o projeto imperial de nação (BOSI, 2012).

Para Gasparello (2004), pode-se também estabelecer uma relação entre os chamados clubes de leitores e o grupo de professores do Colégio de Pedro II. Era comum que esses intelectuais se reunissem nas livrarias da rua do Ouvidor para debater os fatos políticos, culturais e do cotidiano brasileiro. É possível observar que tais professores circulavam, por exemplo, nas mesmas associações literárias e conviviam com amigos em comum.

Os professores do Colégio de Pedro II também se destacavam como autores e tradutores de compêndios utilizados pelos alunos da própria instituição. Após aprovação da direção de instrução pública, esse material didático se tornava referência para outras instituições de ensino e para os exames preparatórios de acesso ao ensino superior. Nesse cenário eram considerados pioneiros, pois algumas disciplinas só dispunham, até aquele momento, de livros produzidos no exterior. Como demonstra o prefácio do livro *Lições de História do Brazil*, publicado em 1861, com autoria do escritor e professor de história, Joaquim Manuel de Macedo:

Professando desde algunannos a Historia do Brazil no Imperial Collegio de Pedro II, reconhecemos no fim de breve experiencia que se fazia sentir a falta de um compendio dessa materia que fosse escripto e metbodizado de harmonia com o systema de estudos adoptado naquelle importante estabelecimento, e tambemcomprehendemos que a nós como professor da cadeira respectiva, cumpria mais que a outro qualquer procurar satisfazer uma tal necessidade (MACEDO, 1861, p. 7).

Nessa mesma posição de pioneirismo também se encontrava o professor Justiniano da Rocha. Autor do *Compêndio de Geografia*, adotado pelo Colégio de Pedro II, ele também se incumbia de resumir e traduzir compêndios, principalmente os que ele pedia para serem trazidos da Europa.

Seja como for, eu me occupo do Collegio com o fervor com que me occupo de tudo quanto me servi esperançoso. Forjo estatutos mando vir livros (pois tudo nos falta nesse gênero no nosso Rio de Janeiro) sollicito conselho de vigilância

e de inspeção do Euzebio, de Araujo Viana e do Imperador. Estou metido em latim e em resmas históricas até os olhos (ROCHA apud DÓRIA, 1941, p. 24).

Para que esses professores pudessem ser considerados referências em suas áreas de atuação, estabelecia-se uma visão homogênea do quadro docente do Colégio de Pedro II, no decorrer do século XIX, que trazia como característica comum o fato de serem indivíduos de grande destaque na corte e de íntima ligação com o mundo civilizado. Segundo Mattos (1987), a instrução passou também a cumprir o papel de inserir o país no contexto das nações civilizadas.

Na ausência de instituições formadoras dos professores de ensino secundário²⁸, houve a necessidade de serem instituídas outras qualificações para as contratações que consistiam na formação intelectual de destaque, no prestígio com as elites intelectuais e culturais e na posse de ligações com o mundo europeu civilizado, por meio do nascimento ou da instrução. No livro *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, Joaquim Manuel de Macedo reconhecia que o professorado conferia ao colégio o prestígio necessário para se consolidar como uma instituição modelar:

Os primeiros professores nomeados foram: de história natural e ciências físicas, o Sr. Dr. Emílio Joaquim da Silva Maia; de história e geografia, o Sr. Dr. Justiniano José da Rocha; de grego e de retórica, o Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva; de inglês, Diogo Maze; de francês, Francisco Maria Piquet; de filosofia, o Sr. Dr. Domingos José Gonçalves Magalhães; de latim, o Sr. Jorge Furtado de Mendonça; de desenho, o Sr. Manuel de Araújo Porto Alegre; de música, o Sr. Januário da Silva Arvelos. A simples menção dos nomes do reitor e dos professores com os quais se ia inaugurar o Imperial Colégio de Pedro II devia bastar para os primeiros fundamentos do crédito do estabelecimento. Porque, em geral eram os nomeados ou recomendáveis por sua capacidade já provada nas matérias que tinham de ensinar, ou por sua reconhecida ilustração, e alguns eram até com razão considerados notabilidades (MACEDO, 2005, p. 321).

²⁸ No século XIX foram criadas apenas instituições formadoras de professores públicos de primeiras letras. A Escola Normal de Niterói, fundada em 1835, foi a primeira instituição desse tipo a ser instituída no Brasil.

Percebemos, com relação ao corpo docente do colégio, que, em sua maioria, cursaram algum grau de formação na Europa, principalmente o ensino superior em universidades da França e Portugal. Aqueles que fizeram os cursos superiores no Brasil, com destaque para os cursos de medicina e direito, tiveram docentes formados por instituições europeias. Desse ponto de vista, podemos supor que o Colégio de Pedro II tinha preferência de que seu corpo docente fosse constituído pelos chamados ‘homens mundo’ (ANDRADE, 2007, p. 222).

Em *A Distinção*, Bourdieu (2006) aborda o chamado ‘efeito do título’. O diploma serviria para certificar certo capital cultural, como também legitimar o conhecimento que o indivíduo tem sobre determinada área. Para os professores nomeados no Colégio de Pedro II, a questão do título acadêmico ou atribuído ao indivíduo pela sua notabilidade fazia a diferença, pois eles ministravam aulas em mais de uma matéria ou em áreas diferentes da sua formação universitária. Neste último caso, o título permitia que eles não tivessem que comprovar sua capacidade intelectual na matéria que lecionaria. O diploma de curso superior lhes conferia status suficiente para desempenhar sua função na instituição escolar.

Os textos publicados na *Revista da Semana*, além de identificarem os professores do Colégio de Pedro II como ‘homens das letras’ e intelectuais de destaque, também procuravam disseminar a representação de que eles exerciam o magistério como uma missão, ou seja, eram abnegados que dedicaram parte ou a totalidade de suas vidas a educar a juventude brasileira. Ao descrever a carta de nomeação do professor Bertholdo Goldschmidt, assinada pelo imperador, em 1858, Escragnolle Dória faz menção ao baixo salário oferecido para o cumprimento de tão nobre função: “Evidencia o cunho de solenidade dados a actos officiales e a importancia do estipendio do professor em época de vida barata, quando o amor no dinheiro não trazia capa de amor á pátria” (DÓRIA, 1929, p. 18).

Um dos casos que chama a atenção é o do professor de alemão, Jacob José Hermann, o Barão de Tautphoeus, que, além de lecionar no Colégio de Pedro II, também foi responsável pela direção de diversas instituições de ensino particulares de prestígio como o Colégio dos Meninos em Petrópolis. No artigo *Barão de Tautphoeus*, de 4 de março de 1922, Dória recordava o que o professor, por questões ligadas à perseguição política, chegou ao Rio de Janeiro em 1842. Chegou, pobre,

no Brasil e abraçou o magistério como profissão. Nunca fechou a porta a quem quisesse instruir-se.

Quem podia pagar pagava; quem não podia ficava de graça. Tal era a regra dos estabelecimentos de Tautphoeus, de ensino e de coração, postos nas montanhas fluminenses ou na planície carioca, um dos colégios na rua de Riachuelo, canto de Inválidos. Quantos educou Tautphoeus? Nem ele soube. Queres um exemplo de generosidade? Um dia, paupérrima viúva trouxe-lhe um filho à presença, modestamente Augusta. Julgava-o aproveitável, a mingua de dinheiro d'ella o tornaria inútil. Tautphoeus acolheu mãe e filho, tranquilizou uma, encarreirou o outro (DÓRIA, 1922, p. 28).

No setor de manuscritos da Biblioteca Nacional estão disponíveis documentos e correspondências de professores do Colégio de Pedro II, direcionadas ao imperador com o propósito de pedir aumento de salário. Entre esses registros, estava o requerimento do professor de francês, Francisco Maria Piquet²⁹. Datado de 2 de janeiro de 1843, descrevia o descontentamento do docente com o salário de 500\$000 réis anuais frente à existência de professores de outras cadeiras que davam menos lições, no entanto tinham um ordenado superior ao dele³⁰. No entanto, os artigos até aqui analisados trazem a perspectiva de que questões salariais ou as difíceis condições de trabalho eram identificadas como problemas menores frente à missão desses intelectuais de educar os futuros dirigentes da nação³¹.

Considerações finais

Segismundo (1991) ressalta que a estrutura do professorado do Colégio de Pedro II foi marcada pela existência de diferentes categorias e tipos docentes diversos. Alguns se dedicavam à prática docente com mais ou menos esmero do que outros. Certos professores marcaram sua

²⁹ Francisco Maria Piquet chegou ao Rio de Janeiro em 1816. Deu aulas de francês em sua casa e em 1827 foi nomeado professor dessa disciplina no Imperial Seminário de São Joaquim. Foi professor de francês do Colégio de Pedro II.

³⁰ Deve ser observado que existia uma diferenciação nos pagamentos de acordo com a cadeira ensinada e o número de lições ministradas por cada professor. Os docentes de filosofia eram os que tinham o maior salário.

³¹ BIBLIOTECA NACIONAL. Setor de Manuscritos. Localização C-0561,019 nº 002.

trajetória com inovações pedagógicas. Também foram identificados aqueles que entraram para os quadros do colégio por influências externas e os que adentraram pelo brilhantismo intelectual, perspectiva plural sobre o magistério. No entanto, os textos publicados na *Revista da Semana* procuraram estabelecer um imaginário no qual os professores que ministraram aulas no Colégio de Pedro II, no século XIX, compunham um grupo homogêneo de intelectuais. Segundo Gasparello (2004, p. 46, grifo do autor), “[...] a função docente foi exercida por pessoas de diversas profissões e interesses, mas que possuíam uma afinidade – eram pessoas *letradas* – o mundo que as unia era o mundo dos livros – como escritores, jornalistas e autores de livros didáticos”.

Essas representações em circulação na *Revista da Semana* sobre os professores que atuaram na instituição, durante o império, podem ser entendidas, para além do estabelecimento de uma memória, também como a criação uma espécie de selo de qualidade.

Outro aspecto a ser considerado é que entre os anos de 1890 a 1910, em razão da proclamação da República, o Colégio de Pedro II teve seu nome modificado para Ginásio Nacional, numa tentativa de estabelecer uma nova memória para instituição que não estivesse ligada ao imperador D. Pedro II. No nosso recorte temporal, o fato de ex-alunos e professores se imbuírem da missão de estabelecer uma visão monumental do professorado pode estar relacionado a se ‘fazer ouvir’ uma parte da história do Colégio de Pedro II que se encontrava silenciada, particularmente no momento do seu centenário.

Referências

ANDRADE, V. L. C.Q. Historiadores do IHGB/Catedráticos do CP II no Império. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 434, p. 219-231, 2007.

ANNUNCIOS. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 3, 4 nov. 1842.

BOSI, A. Cultura. In: CARVALHO, J. M. C. (Org.). *A construção nacional 1830-1889*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 225-279.

BRASIL. Poder Legislativo. Reforma Couto Ferraz. Decreto Lei n. 1331 A., de 17 de fevereiro de 1854. *Coleção das Leis do Império do Brasil*,

Rio de Janeiro, 1854. v. 1. Seção 12, parte 2, p. 45-67. Disponível em:<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_histedu/decreto%20n.%201331.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2013.

BRASIL. Poder Legislativo. Regulamento n. 8. Primeiro Estatuto do Colégio de Pedro II. Decreto Lei sem número, de 31 de janeiro de 1838. *Coleção das Leis do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, 1838. tomo II. v. 1. Seção 6, parte 2, p. 61. Disponível em:<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/3_Império/artigo_011.html>. Acesso em: 3 nov. 2013.

BRASIL. Poder Legislativo. Decreto de criação do Colégio de Pedro II. Decreto Lei sem número, de 2 de dezembro de 1837. *Coleção das Leis do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, 1837. v. 1. Parte 2, p. 59. Disponível em:<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/1824-1899/decreto-36979-2-dezembro-1837-562344-publicacaooriginal-86295-pe.html>. Acesso em: 29 out. 2013.

BRASIL. Poder Legislativo. Ato Adicional de 1834. Decreto Lei. n.16, de 12 de agosto de 1834. *Coleção das Leis do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, 1834. v. 1. p. 15. Disponível em:<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1824-1899/lei-16-12-agosto-1834-532609-publicacaooriginal-14881-pl.html>>. Acesso em: 30 out. 2013.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2006.

CARVALHO, J. M. *A construção da ordem & Teatro de sombras*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ; Relume Dumará, 2003.

CHARTIER, R. A construção estética da realidade – vagabundos e pícaros na idade moderna. *Tempo*, Niterói, n. 17, p. 33-51, 2004.

DIAS, M. O. L. S. *A interiorização da metrópole e outros estudos*. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2005.

DÓRIA, L. E. Barão de Tautphoeus. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n.10, p. 28, 4 mar. 1922.

DÓRIA, L. E. De Simoni. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 20, 8 jun. 1929.

DÓRIA, L. E. Bertholdo Goldschmidt. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 18, 29 jul. 1933.

DÓRIA, L. E. *Memória Histórica do Colégio de Pedro II*. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II/MEC, 1937.

DÓRIA, L. E. Último concurso. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 20, 10 ago. 1940.

DÓRIA, L. E. Justiniano da Rocha. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 24, 25 jan. 1941a.

DÓRIA, L. E. Os Estudos de Álvares de Azevedo. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 41, p. 14, 11 out. 1941b.

GALVÃO, B. R. A Pátria e o Livro, *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 49, p. 31, 28 nov. 1925.

GASPARELLO, A. M. *Construtores de Identidade: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*. São Paulo: Iglu, 2004.

Haidar, M. L.M. *O ensino secundário no Império Brasileiro*. São Paulo: Gribaldo; USP, 1972.

HEMEROTECA Digital Brasileira. Disponível em:
<<http://hemerotecadigital.bn.br/revista-da-semana/025909>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

LAET, C. M. P. O Imperador!. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 49, p. 17, 28 nov. 1925.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

MACEDO, J. M. *Lições de História do Brazil*. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, 1861.

MACEDO, J. M. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Brasília: Senado Federal, 2005.

MAGNO, L. *História da Caricatura Brasileira*. Os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012. v.1.

MATTOS, I.R. *Tempo saquarema*. Rio de Janeiro: ACCESS, 1987.

MENDONÇA, A. W. P. C. et al. Construindo o seu quadro docente: as primeiras gerações de professores do Colégio Pedro II. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. *Anais...* Cuiabá: Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), 2013. p. 1-17.

MINERVA BRASILIENSE. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 set. 1843.

PATROCLO, L. B. A fundação do Colégio de Pedro II nas páginas da imprensa carioca do século XIX: os jornais A Aurora Fluminense e O Chronista. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN (CIHELA), 11., 2014, Toluca, México. *Anais Sujeitos, poder y disputas: textos de historiografía de la educación latinoamericana*. Toluca, México: Sociedad Mexicana de Historia de La Educación, 2014. p. 889-901.

PORTO ALEGRE, M. A. *Brasilianas*. Viena: Imperial e Real Typographia, 1863.

SEGISMUNDO, F. Professores de História do Colégio Pedro II. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 370, n. 152, p.151-192, jan./mar. 1991.

SIRINELLI, J. F. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Ed. da FGV, 1996. p. 231-269.

SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VASCONCELOS, B. P. Discurso proferido por ocasião da abertura das aulas do Colégio de Pedro II aos 25 de março de 1838. In: CARVALHO, J. M. *Bernardo Pereira de Vasconcelos*. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 244-246.

VECHIA, A.; LORENZ, K. M. O Collegio Pedro II: Centro de Referência das Idéias Educacionais Transnacionais para o Ensino Secundário Brasileiro no Período Imperial. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. *Anais...*

Uberlândia: Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), 2006. p. 6003-6010. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/542Aricle_e_KarlLorenzATUAL.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2013.

VELLOSO, M. P. Um agitador cultural na Corte: a trajetória de Paula Brito. In: KNAUSS, P.; MALTA, M.; VELLOSO, M. P. (Org.). *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2011. p. 67-78.

VULTOS EMINENTES do Colégio de Pedro II. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 33, 8 dez. 1937.

Endereço para Correspondência:

Luciana Borges Patroclo
Rua Dona Mariana, n.14/ Apt. 404.
Botafogo – Rio de Janeiro – RJ - CEP: 22280-020
E-mail: lupatroclo@yahoo.com.br

Ivone Goulart Lopes
Rua José Wensing, n. 1782
Barra Nova – Ouro Preto d'Oeste – RO – CEP: 78950-000
E-mail: ivone.goulart@hotmail.com

Regina Lucia Ferreira Cravo
Rua Fabio da Luz, n. 432/Apt. 101
Méier – Rio de Janeiro – RJ - CEP: 20720-350
E-mail: regvcravo@yahoo.com.br

Submetido em: 21/08/2014

Aprovado em: 12/05/2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.
--